

# Consciência de Arquivos e Futuro: O Caso de F. de Saussure e a Escola Genebrina de Linguística<sup>1</sup>

Alessandro Chidichimo<sup>2</sup>  
(Genebra)

## Resumo

Retomando o caso emblemático para a história da Linguística da edição póstuma do *Curso de Linguística Geral* de Saussure (1916), o autor resgata a questão da temporalidade e da seleção dos arquivos pelos dois intérpretes do pensamento saussuriano (Bally e Sechehaye). Trata-se, ainda, de cernir a consciência de arquivo, assim como a relação com o futuro que os dois linguistas, alunos de Saussure, desenvolveram em relação aos traços deixados por seu mestre.

## Abstract

Resuming the emblematic case for the history of Linguistics of the posthumous edition of Saussure's *Course in General Linguistics* (1916), the author rescues the issue of temporality and of the archives selected by the two interpreters of Saussurian thought (Bally and Sechehaye). It is also a question of scrutinizing the archival consciousness, as well as the relationship with the future that the two linguists, Saussure's students, developed in relation to the traces elements left by their master.

## 1. *O Curso de Linguística Geral*

Em 1913, após a morte de Ferdinand de Saussure (1857-1913), os linguistas genebrinos Charles Bally (1865-1947) e Albert Sechehaye (1870-1946) tentaram – sem sucesso, ao que parece –, encontrar em seus papéis os manuscritos utilizados nos três cursos de Linguística Geral professados na Universidade de Genebra (1907-1911). Saussure não havia publicado um texto sobre Linguística geral, algo que fosse o resumo de seu pensamento sobre aspectos gerais das ciências da linguagem. Decerto que havia consonâncias entre os textos publicados e as aulas, mas nada que fosse dedicado exclusivamente àquele assunto.<sup>3</sup> Em decorrência da quase total ausência de

<sup>1</sup>Tradução de Lygia Testa-Torelli do original francês «Conscience d'archives et futur: le cas de F. de Saussure et l'École genevoise de linguistique». Anteriormente publicado em J. F. Bert & M. J. Ratcliff (éds.), 2015. *Frontières d'archives Recherches, mémoires, savoirs*. Paris: Editions des archives contemporaines. A menos que expressamente indicado o nome de outro tradutor, as traduções das referências, comentários e citações também são de LT-T.

<sup>2</sup>Expresso meus sinceros agradecimentos a Thomas Robert.

<sup>3</sup>Joseph 2012 mostrou a continuidade entre diversos trabalhos de Saussure (cf. Fehr 1996).

rascunhos e textos definitivos do autor,<sup>4</sup> Bally e Sechehaye, que não puderam frequentar os cursos, escolheram as anotações dos estudantes e os raros manuscritos de Saussure de que dispunham para editar, em 1916, o *Curso de Linguística Geral* [CLG]. Na Introdução do CLG, eles se mostraram prudentes em relação às suas escolhas, justamente pela ausência de textos autorais: «Nous nous sommes bornés à recueillir et à mettre en leur place naturelle les indications fugitives de ce programme à peine esquissé; nous ne pouvions aller au-delà» [Limitamo-nos a recolher e a colocar em seu lugar natural as indicações fugitivas desse programa que mal foi esboçado; não podíamos ir mais longe] (CLG: 10)<sup>5</sup>

Logo após a publicação do CLG foi inaugurado um tema típico da história dos estudos saussurianos, a saber, o da fidelidade ao pensamento de Saussure, com a resenha do CLG feita por Antoine Meillet (1866-1936), antigo aluno de Saussure em Paris, texto que inaugurou o debate a partir do interior da filiação saussuriana.<sup>6</sup>

As sucessivas pesquisas se estenderam por diversos níveis: as fontes do pensamento saussuriano; a relação com a Sociologia, a Filosofia e a Psicologia; as pesquisas filológicas sobre a fidelidade do CLG às fontes manuscritas. O volume, proveniente de uma pesquisa filológica e de arquivos, transformaria para sempre a história da disciplina e deixaria um traço indelével nas Ciências Humanas. Bally e Sechehaye publicaram o CLG não apenas no sentido de tê-lo colocado à disposição da comunidade de pesquisadores; eles estabeleceram o documento que se situa na origem dos estudos saussurianos subsequentes, pedra angular (*contra* ou *a favor*) da Linguística que se seguiu, e documento inelutável para as Ciências Humanas (Colombat, Fournier, Puech 2010: 25).

## 2. Uma noção de arquivo

O CLG foi construído na ausência de um texto definitivo: os editores estabeleceram um arquivo. Jacques Derrida (1930-2004) retomou, em *Mal de Arquivo* (Derrida 1995), uma noção clássica do arquivo, que ele considera ser determinada pelo lugar onde o arquivo se encontra, mas também por uma lei-texto-documento, a *Arkhhē*; finalmente, pelos arcontes, os intérpretes autorizados pelo lugar, e os documentos aos quais eles têm acesso. O papel dos arcontes, arquivistas, em sentido amplo, é presidir à lei, é ser seu intérprete. Lugar, lei, intérpretes, determinam, desse modo, o arquivo. Para a Linguística saussuriana, o lugar será Genebra, onde os cursos de Linguística Geral foram professados e onde se encontra a maioria dos documentos; quanto à lei-texto, trata-se de anotações de estudantes desses cursos e dos manuscritos de Saussure à disposição dos editores para a lei-texto por excelência da Linguística, o CLG; por fim, para os intérpretes que presidem à lei, ao verbo saussuriano, Bally e Sechehaye,

<sup>4</sup>Por 'texto definitivo' (ou 'em estado final'), consideramos a noção proveniente da Crítica Genética, que o define como um texto que recebeu o aval do autor para impressão, independentemente de o documento ser ou não publicado; ou, ainda, um texto sobre o qual o autor não mais se debruçará.

<sup>5</sup>A afirmação, que pretende advogar a favor de um trabalho editorial mínimo e neutro, não corresponde à realidade. Os documentos de arquivos mostram que as discussões, os acréscimos e a organização das anotações reunidas pelos editores ultrapassaram amplamente uma simples organização de diversas partes em seu lugar natural. O trabalho de Bally e Sechehaye sobre as fontes representa o movimento inaugural da filologia saussuriana. A respeito da gênese do CLG, cf., no mínimo, as pesquisas clássicas de filologia saussuriana Godel (1954 e 1957, CLG/E 1967-74), as anotações de De Mauro sobre o CLG, em particular a nota 16, p.11. Sobre a edição do CLG, cf. Sofia 2015.

<sup>6</sup>Meillet, juntamente com Paul Regard, tinha em mente publicar um artigo a partir das anotações das aulas de Saussure realizadas pelo próprio Regard. A discussão sobre a prioridade dessa publicação acontecerá entre a esposa de Saussure, Meillet e Bally; cf. Sofia 2013.

cujo trabalho estabeleceu os fundamentos das sucessivas ramificações do *CLG*: «Le premier archiviste institue l'archive comme elle doit être, c'est-à-dire non seulement en exhibant le document, mais en l'établissant. Il le lit, l'interprète, le classe» [O primeiro arquivista institui o arquivo tal como deve ser, isto é, não apenas exibindo o documento, mas estabelecendo-o. Ele o lê, o interpreta, o classifica] (Derrida 1995: 89). O trabalho de Bally e Sechehaye sobre o arquivo Saussure, a edição e a publicação do *CLG* determinaram as interpretações posteriores.<sup>7</sup>

### 3. Ausência e esquecimento

As circunstâncias que se apresentavam aos editores do *CLG* nasciam de uma dupla ausência: em primeiro lugar, da ausência do autor, Saussure, no caso; em segundo lugar, do estado incompleto dos documentos então disponíveis, o que não favorecia a prospecção de possível texto definitivo para um curso, nem de outros textos que Saussure teria, talvez, almejado.

A primeira ausência decreta a incapacidade, para o autor do documento, de desestabilizar a letra, no sentido de remanejar, intervir no texto, em virtude de sua autoridade de autor, como no caso das mudanças que ocorrem em um texto que passa da produção e da discussão do manuscrito ao percurso editorial.<sup>8</sup> Bally e Sechehaye precisavam partir das anotações redigidas pelos alunos dos cursos para reconstruir uma representação da complexidade do discurso de Saussure.<sup>9</sup>

A segunda ausência, a dos documentos, dá as bases para as hipóteses interpretativas e de reconstrução; nesse sentido, para a reativação do traço.<sup>10</sup> Se Saussure tivesse publicado ou legado tal texto, não teria sido necessário abrir esse capítulo sobre o arquivo.<sup>11</sup> As diferenças entre o texto publicado e os cursos serão, preferencialmente, objeto de pesquisas filológicas que levam em consideração o caráter específico do

<sup>7</sup>Segundo Engler 2003, será permanentemente necessário levar em consideração o período da gênese do *CLG* e a interpretação dada pelos editores da época para apreciar testemunhos confiáveis e menos distantes da fonte saussuriana (V. *Infia*).

<sup>8</sup>A ausência de Saussure durante a edição do *CLG* imprime uma diferença em relação à publicação de cursos ou conferências de autores ainda vivos. Essa particularidade se soma à diferença entre a publicação de um curso conforme o desenrolar das aulas e o trabalho editorial de Bally e Sechehaye, que não respeitou a sequência do curso e acabou por tomar uma forma editorial diferente do que seria a edição de um curso. Além do mais, é bem diferente trabalhar sobre documentos de arquivos de um autor ainda vivo do que no caso em que a ausência necessária ao arquivamento não é respeitada. Nesse caso, a pesquisa filológica encontra uma limitação em referência à última validação que o próprio autor poderia ter dado.

<sup>9</sup>A presença desse testemunho e sua explorabilidade certificam a ausência do autor enquanto texto na origem sem autor.

<sup>10</sup>A incompletude que aparentemente se apresentava aos editores e, assim, o caráter hipotético de seu trabalho, será confirmada pela história dos arquivos, que mostrará que havia, na realidade, anotações e projetos de textos de Linguística Geral de Saussure. Uma parte desses documentos foi objeto de pesquisas filológicas para Godel (1954, 1957) 40 anos mais tarde, quando da primeira doação dos manuscritos saussurianos à Biblioteca de Genebra [BGE]. Em seguida, um amplo projeto, *Da essência dupla da linguagem*, não será completado senão 80 anos mais tarde (doação 1996 à BGE).

<sup>11</sup>Um caso diferente teria sido encontrar, nos documentos saussurianos, um plano de trabalho ou um índice de um texto a ser desenvolvido a partir das aulas dos cursos. Tal documento, sem o texto final correspondente, deveria ter sido considerado testemunho intermediário entre um texto destinado aos estudantes e um texto científico concebido para o desenvolvimento do debate. Um índice ou plano de trabalho encontrado nos papéis dos autores mostra, com frequência, alterações que podem ser incoerentes em relação ao texto definitivo. No âmbito dos manuscritos saussurianos, temos índices (p. ex. *CLG/E 3297*) mas, para estabelecer uma tipologia da relação índice-projeto de trabalho, para a realização concreta e a generalização de tal relação em todos os documentos saussurianos, teria sido necessário dispor de um texto definitivo, o que não se verifica.

público-alvo e a parte do comentário crítico. Para além de Saussure, é preciso considerar que, mesmo se um autor deixasse glosas explicativas em cada trecho de seu trabalho, a tarefa interpretativa não cessaria; os comentários, por sua vez, seriam submetidos a certa interpretação e abririam uma regressão ao infinito. A única maneira de deter o círculo interpretativo é a destruição dos documentos.

As duas ausências são duas formas de esquecimento.

Se «la dialectique de présence et d'absence au coeur de la représentation du passé, à quoi s'ajoute le sentiment de distance propre au souvenir» [a dialética de presença e de ausência está no centro da representação do passado, ao que se acrescenta o sentimento de distância próprio da lembrança] (Ricœur 2000: 538), o esquecimento intervém em profundidade no ponto mais crítico da relação entre presença, ausência, distância. Se, ainda, a ausência é determinada em relação a uma presença (virtual, real ou prometida e, nesse caso, comprometida com o futuro), o esquecimento poderá existir em relação à lembrança. Para haver esquecimento, postula-se algo a ser esquecido e de que se poderia recordar como lembrança: «C'est en effet dans ce trésor d'oubli que je puise quand me vient le plaisir de me souvenir de ce que j'ai une fois vu, entendu, éprouvé, appris, acquis» [É, de fato, ao tesouro do esquecimento que recorro quando me vem o prazer de me lembrar daquilo que uma vez vi, ouvi, experimentei, aprendi, adquiri] (Ricœur 2000: 541). Esquecimento que, para Ricœur, é um «oubli de réserve» [esquecimento de reserva], em que postulamos a presença da lembrança e indicamos a possível presença do objeto de nosso esquecimento. O esquecimento em relação à presença é conjugado no condicional; poderia existir um objeto do esquecimento que se desvendaria no momento da rememoração da lembrança mas, sem esquecimento, nada de rememoração.

Podemos ter, ainda, uma rememoração sem que tenha havido esquecimento, como no caso do falso reconhecimento (Bergson 1908; Virno 1999): o sujeito se lembra de ter vivido alguma coisa que, na verdade, nunca aconteceu. Paralelamente, pode ocorrer que presenciemos o sentimento de ter uma lembrança que nos escapa, de ter esquecido alguma coisa sem que de fato exista aquilo de que parecemos não nos lembrar, ou, ainda, sem que tenhamos vivido conscientemente alguma coisa e, logo, sem que tenhamos a possibilidade de construir uma lembrança, tampouco seu esquecimento. Tal sentimento de esquecimento não encontra fundamento na presença. É possível, assim, que exista um esquecimento sem que tenha havido um objeto, e que tenhamos a possibilidade de rememoração com base em um esquecimento sem lembrança (Freud 2004: 15). Um esquecimento desse tipo mantém a impressão da lembrança, preserva sua forma, sem conteúdo: o sentimento de uma falta, de uma perda que preenche uma forma vazia, o fantasma da presença. O esquecimento indica, assim, um lugar que ficou vazio, mas que carrega consigo, ao mesmo tempo, a marca da presença. Essa forma é feita acolher as possíveis presenças, sem que se consolide em uma correspondência biunívoca. Na perspectiva dos arquivos, deve-se pensar nessa forma de esquecimento, sem presença. O esquecimento de arquivo indica a forma de uma possível lembrança sem que tenha necessariamente existido um objeto da lembrança: um primeiro movimento, que se abre no condicional e se desenvolve no futuro. As ausências e os necessários esquecimentos que carregam em si mesmos a forma da presença são uma marca inicial permanente. Essa falta constante, essa distância, conferem a possibilidade de inscrever as diversas presenças: elas nos ajudam a encontrar o que buscamos, mas também criam a margem para o que não buscamos (Lupo 2012). Depois das primeiras ausências necessárias, quando se olha o arquivo desse ponto de vista diferencial, o jogo entre presença e esquecimento nos permite,

então, determinar as formas do arquivo. As ausências inaugurais, nessa epifania diferencial, ajudam-nos a não esquecer, a ter a possibilidade de lembrar o passado, mas também de saber o que esquecer e o que esquecemos.

#### 4. Temporalidade dos arquivos

Os pares esquecimento-memória e ausência-presença, no âmbito dos arquivos, dizem respeito a uma temporalidade específica. Se os arquivos fossem feitos para reter o traço do passado e construir um depósito de informações utilizável ao bel-prazer, eles mostrariam uma representação desse passado e seriam uma ferramenta para descarregar nossa memória, como um caderno em que inscrevemos as coisas para não as esquecer. Mas a imagem da memória como depósito de dados, utilizados pelos arquivos para garantir o testemunho do passado na forma de compêndios de informações, poderia ser potencialmente ilimitada, nessa perspectiva cumulativa. Esse ponto de vista produz a miragem de um arquivo à semelhança de um reflexo, na perspectiva de tudo preservar, de tudo arquivar, até cogitar uma cristalização da realidade. Logo se apresentaria o problema da seleção das informações, dos documentos a conservar e da discriminação das informações úteis no momento ou no futuro: de que maneira arquivar, quando, sabidamente, arquivar é selecionar. Ademais, seríamos engolidos pela impossibilidade de tudo preservar e de tudo conseguir ler, utilizar; e, no que toca à memória, de lembrar-se de tudo e, ao mesmo tempo, da impossibilidade de se eximir dessa memória. Tornar-nos-íamos reféns da saturação, pela quantidade dos dados que nos cercam e pela impossibilidade de olhar para qualquer outro lugar, tendo sempre lembranças à mente. Em segundo lugar, se existe esse depósito sequencial de documentos, exterior a nós, e ao qual se confia uma memória pretensamente duplicadora da realidade, estamos então expostos à perda dessa memória.<sup>12</sup> Uma vez que se perdeu alguma coisa, não há possibilidade de encontrá-la, porque a estrutura de informações, cumulativa, considera ser uma função fundamental o fato de acumular, mais do que o fato de reunir os dados, as informações, quanto a elas, já encadeadas, estruturalmente.

Outra via consiste em pensar a temporalidade dos arquivos com o olhar apontado para o futuro. Essa temporalidade de arquivo não fala sobre o presente, nem mesmo sobre o passado; a função do arquivo reside no futuro. Preserva-se, classifica-se, para determinar o futuro: os arquivos servem para salvaguardar a possibilidade de um futuro. Nesse caso, o arquivo produz e está aberto a uma contínua possibilidade, como lugar para acolher os documentos que serão produzidos e que poderão ser inscritos no arquivo. Para tanto, é preciso que a perda já esteja inscrita na estru-

<sup>12</sup> «Le désir de garder est aussi inséparable du désir de détruire. C'est que garder, c'est perdre. Si pour garder la trace de ce qui se passe maintenant, je prends une note pour ne pas l'oublier, je l'inscris sur du papier, et je la mets dans ma poche. Si ça s'arrête là, ça veut dire que je perds, j'expose le papier à sa perte. Pour garder, il faut que j'expose à la perte. Cette exposition à la perte, c'est un geste double dont la dualité est irréductible. Vouloir garder en mémoire, c'est exposer à l'oubli. C'est ce que j'appelle "le mal d'archive." Il y a la souffrance liée à l'archive et le désir d'archive. C'est le désir d'archive qui traverse cette expérience de la destructibilité radicale de l'archive.» [O desejo de guardar é também inseparável do desejo de destruir: guardar é perder. Para manter o registro do que está acontecendo agora, para não esquecer, faço uma anotação, eu a inscrevo no papel e a coloco em meu bolso. Se a coisa para por aí, isso quer dizer que estou perdendo, que exponho o papel a sua perda. Para guardar, é necessário que eu exponha à perda. Essa exposição à perda é um gesto duplo cuja dualidade é irreduzível. Querer guardar na memória é expor-se ao esquecimento. É o que chamo 'mal de arquivo'. Existe o sofrimento ligado ao arquivo e o desejo de arquivo. É o desejo de arquivo que atravessa essa experiência da destrutibilidade radical do arquivo.] (Derrida 1998: 209).

tura do arquivo. Essa exposição originária significa que nos expomos à possibilidade de lembrar, de encontrar no tesouro do esquecimento. A exposição à perda se faz necessária para ativar a dinâmica da reconstrução, para o uso dos arquivos. Os arquivos, na verdade, adquirem interesse quando existe a possibilidade de serem usados. Para tanto, é necessário que haja esquecimento, forma vazia e ausência fértil. A faculdade do esquecimento, para utilizar e tornar vivos os arquivos, é compreendida no sentido nietzschiano (Nietzsche 1874[1976]), em que um esquecimento criador se revela faculdade necessária para uma vida feliz, quando, pelo contrário, a ausência de esquecimento nos impediria de viver e agir:

Un homme qui ne voudrait sentir les choses qu'historiquement serait pareil à celui qu'on forcerait à s'abstenir de sommeil ou à l'animal qui ne devrait vivre que de ruminer et de ruminer sans fin. Donc, il est possible de vivre presque sans souvenir et de vivre heureux, comme le démontre l'animal, mais il est encore impossible de vivre sans oublier. Ou plus simplement encore, il y a un degré d'insomnie, de rumination, de sens, historique qui nuit au vivant et qui finit par le détruire, qu'il s'agisse d'un homme, d'une peuple ou d'une civilisation (Nietzsche 1874[1976]: 207)<sup>13</sup>

Sem a possibilidade de esquecimento, não há lembrança, não há construções das leituras da história. Sem esquecimento de arquivo, não há criação nem arquivo: «L'archive a lieu au lieu de défaillance originaire et structurelle de la dite mémoire» [O arquivo acontece no lugar da fraqueza originária e estrutural da memória] (Derrida 1995: 25). O esquecimento e a ausência desencadeiam uma dinâmica no futuro, criadora: para que o arquivo seja mobilizado e passe a ser útil à vida – acrescentamos, à pesquisa – é necessário haver esquecimento e ausência.<sup>14</sup>

<sup>13</sup>Um homem que desejasse sentir as coisas apenas historicamente seria idêntico àquele que seria forçado a se abster de sono ou ao animal condenado a viver de ruminar e de ruminar sem fim. É possível, então, viver quase sem lembranças e viver feliz, como demonstra o animal, mas ainda é impossível viver sem esquecimento; ou, de maneira mais simples ainda, há um grau de insônia, de ruminação, de sentido, histórico que é nocivo ao vivente e que acaba por destruí-lo, que se trate de um homem, de um povo ou de uma civilização.”

<sup>14</sup>O esquecimento como força criadora é também abordado por historiadores da linguística: «L'horizon

de rétrospection possède une contrainte qui n'affecte pas le territoire de l'historien : il est fini et l' "oubli" y possède une fonction créative» [O horizonte de retrospectiva possui uma exigência que não afeta o território do historiador: ele é finito e o 'esquecimento' possui, nele, uma função criativa] (Auroux 2006: 113). De modo geral, o 'horizonte de retrospectiva' (HR) é «l'ensemble des connaissances antérieures [o conjunto dos conhecimentos antecedentes] (Auroux 2006: 107; cf. Puech 2006; Puech e Raby 2011). O esquecimento não é tematizado de maneira explícita, mas se mostra, em parte, sob o hábito mundano da 'seleção das fontes', das ausências no HR selecionado pelos linguistas e pelos historiadores que desejam, a um só tempo, autorizar a si mesmos, com os discursos sobre a tradição e a continuidade em uma filiação; refletir sobre o próprio trabalho, em um discurso metahistórico. Tudo isso para que haja uma consciência disciplinar mais ou menos motivada, sincrônica e diacrônica, pudor necessário, ou não, para uns e outros. O emprego da história da Linguística na História da Linguística é um exemplo dessa presentificação do passado em virtude de uma tradição e de uma vontade de autorizar a si mesmo. Considerar o futuro, os horizontes de prospecção, se anuncia como trabalho a fazer: «Si l'histoire "fait voir" c'est en plusieurs sens de "voir", dont l'un semble comme explicité par la fameuse formule de Michelet selon laquelle "chaque époque rêve la suivante". Quels ont été les formes et enjeux des futurs projetés des sciences du langage ? Quels sont-ils aujourd'hui ?» [Se a história 'faz ver', ela o faz em vários sentidos de 'ver', em que um deles parece estando explicitado pela famosa fórmula de Michelet, segundo a qual 'cada época *sonha* a seguinte'. Quais foram as formas e as consequências dos *futuros projetados* das ciências da linguagem? Quais são elas hoje?] (Puech e Raby 2011: 13). Na mudança de regime dos objetos, na fundação de um arquivo e na existência desse último com a dinâmica que se estende para o futuro, é que se constitui a possibilidade do HR:

Se a temporalidade dos arquivos não serve ao passado, o *CLG* foi construído, então, para projetar no futuro a forma de Saussure e de seus primeiros intérpretes, os editores. O arquivo Saussure acolhe os textos futuros que se inscrevem no traço saussuriano, marcados pela impressão saussuriana. Sem o estabelecimento do arquivo Saussure, não haveria essa possibilidade: «Autant et plus qu'une chose du passé, avant elle, l'archive devrait mettre en cause la venue de l'avenir» [Tanto quanto e mais do que uma coisa do passado, antes disso, o arquivo deveria contestar a chegada do futuro] (Derrida 1995: 56). Uma história da linguística saussuriana será feita a partir de um movimento que se projeta em direção ao futuro, mais do que de uma tendência a recuperar o passado.

Em uma perspectiva tão ampla, determinada por uma prospecção contínua no futuro, um arquivo tem limites. Por um lado, em razão do fato de que os documentos ausentes, destruídos, perdidos não podem ser recuperados. Por outro lado, em razão do fato de que o esquecimento estabelece o ponto de partida para a exploração dos arquivos. O esquecimento, característica permanente do arquivo, constitui, por dentro, um dos limites do arquivo. Ao mesmo tempo, esses limites sempre precisam ser redesenhados; mesmo se há um número de arquivo, os documentos estão continuamente sujeitos a novas classificações quanto às ordens temáticas possíveis, aos remanejamentos conceituais e materiais, situação em que os primeiros têm impacto sobre os segundos e vice-versa. O arquivo está sempre exposto a novos esquecimentos.

## 5. Autorizar os intérpretes

Os arquivos autorizam os intérpretes e instauram o início das interpretações: quem tem acesso aos arquivos parece deter a verdade.

Tal privilégio está ligado à proximidade da fonte e ao acesso aos conhecimentos de que os intérpretes parecem dispor, por uma questão ligada a algo similar ao desenrolar espacial do conhecimento. Ademais, se a ausência e a impossibilidade que apartam o autor persistem, o acesso e a proximidade aos arquivos favorecem uma interpretação direta. A *Escola Genebrina de Linguística* (EGL) é um exemplo dessa autorização. Bally e Sechehaye, com efeito, fizeram história graças a sua postura arcôntica, detentores da letra saussuriana, os únicos que tinham acesso aos manuscritos saussurianos, os únicos em que a família depositava confiança e que Mme de Saussure consultava em questões de gestão da herança saussuriana. Para se investir do papel de arcontes, foi preciso afirmar tal direito (*cf. supra*). O *CLG*, desde sua publicação, estabeleceu uma tradição de apropriação do pensamento saussuriano, ou de invocar para si uma tradição de origem saussuriana. É nessa direção que irá a resenha do *CLG*, pelo mesmo Sechehaye, em 1917, e ainda Sechehaye, em 1927, quando ele falará em *Escola genebrina de Linguística*. Os genebrinos declararão sua prioridade na interpretação

---

aquilo que será citado, lido, dado a ler, tomado como modelo ou sobre o que não mais se falará. Se o estabelecimento do arquivo demanda, portanto, uma seleção das fontes e, logo, um HR é a criação do arquivo não-neutro, então a ordem dos objetos de arquivo é uma ordem de coisas diferente; ou, como acabamos de dizer, é a ausência do documento primeiro. O arquivo é o arquétipo dos possíveis horizontes retrospectivos. A constituição de um arquivo mostra uma possível prospecção para o HR. Ao mesmo tempo, faz-se a distinção entre historiadores e filólogos, cujo trabalho se mostra em duas direções temporais dessemelhantes, em que estabelecer a letra é o primeiro passo, dado em um terreno já tocado pelo arquivo, para então dar impulso ao discurso histórico. A constituição de um HR, no âmbito da constituição do arquivo saussuriano – pode-se dizer em todos os movimentos do pensamento que mobilizaram uma origem ligada à criação de um arquivo –, é um efeito rebote, um *après coup* que advém após o acontecimento de uma representação e da atualização do futuro. Não se trata mais de proporcionar para si uma história, mas de prometer que haverá uma história.

de certos princípios saussurianos (Bally, Frei, Sechchaye 1940, sobre a arbitrariedade do signo). Eles também a declararão após a pressão feita pela nova geração de linguistas que, por sua vez, buscava seu lugar no conjunto saussuriano, vide Henri Frei (1899-1980): «Je me demande, dans ces conditions, s'il ne serait pas d'actualité (et de nécessité : puisque nous formons une école nous devons nous défendre)» [Chego a me perguntar se, nessas condições, não seria oportuno (e necessário: uma vez que formamos uma escola, é necessário que nos defendamos)] (12 maio 1940, BGE Ms. Fr. 1999); e Serge Karcevski (1884-1955), que proporá encontros periódicos a partir de 1940, que levarão à constituição da *Société genevoise de linguistique* [*Sociedade genebrina de linguística*]. Após o falecimento de Sechchaye (1946) e Bally (1947), Frei e, em seguida, Godel, inaugurarão oficialmente a pesquisa em filologia saussuriana. Em seguida, Rudolf Engler (1930-2003) estabelecerá a edição crítica das fontes do *CLG*, que foi reconhecida como texto ao qual se deve fazer convergir todos os documentos de arquivos posteriores, inclusive o trabalho dos primeiros editores, vistos como privilegiados por sua proximidade à arkhê:

Je souligne et je soutiens toujours qu'il est indispensable de tenir compte de ce « Saussure de 1916 ». Il est à la mesure de l'époque 1916/57 – Saussure comme le voyaient ses proches ; une interprétation, certes, mais aussi fiable que certaines interprétations du « Saussure » chronologique (Engler 2003 : 18)<sup>15</sup>

Com a descoberta de novos manuscritos, em 1996, alguns pesquisadores reivindicaram o título de neossaussurianos, partindo da representação de um Saussure verdadeiro em oposição a um falso Saussure do *CLG*. Nesse mesmo caso, a grande guinada residia na proximidade e no acesso às fontes, mas, por ora, a corrente produziu poucas edições das fontes.

## 6. Consciência de arquivo

A atitude dos editores do *CLG* em relação ao arquivo é mais ampla do que uma consciência disciplinar própria às Ciências da Linguagem. Trata-se, sobretudo, de uma consciência de arquivo, de uma atitude dos pesquisadores em relação à função dos arquivos em virtude de sua temporalidade no futuro. A presença de tal consciência torna evidente a importância dos arquivos e a possibilidade de serem atribuídos os papéis de intérpretes. A consciência de arquivo reúne não apenas os desafios de uma disciplina, os estados sincrônicos e a diacronia, mas se aplica igualmente à produção concreta dos documentos para construir o arquivo e se projetar no futuro; além do mais, é uma consciência das possibilidades de leitura do arquivo, pelo próprio agente e pelos demais, que carrega uma consciência sobre a comunidade científica. Por fim, a consciência de arquivo leva em conta uma auto-reflexividade e um ponto de vista privilegiado do autor, que se mostra na direção de seus próprios documentos, diante de seu próprio arquivo vindouro em virtude do futuro de seus documentos. A consciência de arquivo, efetivamente, configura um momento em que o autor se observa como agente, em que leva em mente o fato de estar produzindo um arquivo. Essa consciência se desdobra em relação àquelas de possíveis leitores, arquivistas, intérpretes. Saber que sua própria escritura será arquivada implica em uma pré-seleção dos

<sup>15</sup>“Friso e sustento sempre que é indispensável levar em conta esse ‘Saussure de 1916.’ Ele tem as feições da época 1916/57 – Saussure como o viam seus próximos; uma interpretação, certamente, mas tão confiável quanto certas interpretações do ‘Saussure’ cronológico.”

materiais, uma triagem e uma classificação que entram em ação durante a redação, e também na etapa seguinte, quando o autor decide quais documentos manter ou jogar fora. Do ponto de vista do autor diante de seu próprio arquivo, a temporalidade se encontra no futuro do presente composto: 'eu terei sido' é exatamente a temporalidade daquele que, ao escrever, ao fazer sua pesquisa, constrói um arquivo que sobreviverá a ele, na perspectiva de ultrapassar a si mesmo, de deixar traços, índices para aqueles que virão depois dele, que lerão, não mais apesar dele, mas graças a ele. A consciência de arquivo inscreve o futuro do presente do uso do arquivo: «Rappelle-toi de te rappeler l'avenir» [Lembra-te de lembrar o futuro] (Derrida 1995: 121).

A Linguística embebida de Saussure foi fundada em um texto construído naquele espírito. Não se trata mais de autorizar seu próprio percurso através do emprego da história, mas de intervir na formação da história, de estar consciente do fazer da história, de que alguém lerá meus escritos que farão parte da história. A consciência de arquivo age sobre o trabalho do pesquisador e influencia sua prática de escrita da pesquisa. Ela carrega em primeiro plano o aspecto social da produção linguística, da escrita e da pesquisa. Saber que a presença do arquivo significará ser observado, ter consciência de fazer um gesto público de escrita, influencia a formação dos arquivos e revela, assim, o caráter social do arquivo. Pode-se pensar na prática da autocensura, da autolimitação, da seleção da escrita e da seleção da leitura dos arquivos – o que os autores nos darão a ler: «Un écrivain, c'est surtout quelqu'un qui écrit un testament: quoi qu'il écrive, c'est, comme chose publique, et survivante, de l'ordre testamentaire» [Um escritor é, acima de tudo, alguém que escreve um testamento: o que quer que ele escreva é, como coisa pública e sobrevivente, da ordem testamental] (Derrida 1998: 208). Mas a consciência de arquivo na escritura de um pesquisador gera uma diferença ulterior entre escritura pública, destinada a um público, e escritura de pesquisa, normalmente destinada à descoberta e ao trabalho pessoal intermediário entre a escritura e a publicação, e não à exposição de sua própria mesa de trabalho e, por fim, de si mesmo. Saber que os textos que serão escritos terão um caráter público implica em uma tomada de posição em relação a sua própria escritura. A presença do outro se torna, desse modo, constitutiva do arquivo: deixar um traço para que outros o sigam.

Dos linguistas de Genebra, Bally é o mais representativo dessa consciência de arquivo. Ele administrou sua herança documental e tentou modelar a representação de seu arquivo. Em seus manuscritos, podemos encontrar, por várias vezes, avisos inseridos pelo autor quanto à utilização de certas anotações para o caso de nova edição de um artigo ou de um volume – ele se dirige a si mesmo, mas também aos leitores de seus documentos (Chidichimo, no prelo). Nas anotações de aulas, encontramos a exata cronologia de seu emprego e de reutilização durante os diferentes anos letivos. Como sua consciência não se estende apenas às integrações, mas também às ausências intencionalmente produzidas, observamos, no caso, a destruição sistemática das provas utilizadas para a redação de suas publicações ou a reutilização do verso dos rascunhos dos volumes e artigos publicados. Prática de Bally que concerne também as provas do *CLG*, ou o rascunho de seu *Tratado* (Bally 1909), inclusive anotado por Saussure. Bally preservou somente seus próprios textos finais não publicados e certos rascunhos e anotações preparatórias para os cursos – precisando, entretanto: «Aucun de ces manuscrits ne doit faire l'objet d'une publication posthume» [Nenhum desses manuscritos deve ser objeto de publicação póstuma] (BGE Ms.fr.5019/12/c) – e eliminou de maneira sistemática os textos intermediários: destruí-los fica sendo equivalente a terminá-los, o que configura outra prática para manter o controle sobre o arquivo e sobre o futuro.

## 7. O arquivo no futuro

[ ] the legend was developing that his lack of publication was proof of a conception of language so powerful that it had to left to others to realise. [ ] Besides his own perfectionism, he now had the legendary ideals imposed on him by others to fall short of (Joseph 2012: 472)<sup>16</sup>

A *Escola Genebrina de Linguística* é o caso por antonomásia que permite ver como a consciência de arquivo determina o comportamento dos pesquisadores e expõe a temporalidade dos arquivos.

O movimento filológico e de arquivo que produzirá os arquivos de Saussure tinha começado com uma tendência para o futuro, um desejo de arquivo, de finalizar Saussure ainda em vida. Bally já havia assumido o papel de difusor e intérprete do verbo saussuriano, se considerarmos o período em que viveu em Paris, entre 1903 e 1904, quando esteve em contato com o ambiente da linguística parisiense. Esse trabalho continuou em 1908, com as celebrações para as *Mélanges Saussure*, que representam grande trabalho de arquivamento, fixação, catalogação do hipotético Saussure e que encontrou a consagração no *CLG*, em 1916, passando pelo falecimento de Saussure. Mas se o espaço saussuriano produzido pelos intérpretes passava essencialmente pela Linguística Geral, mais do que pelas publicações indo-europeístas, a ideia de uma teoria geral de Saussure já estava presente. Os textos de Saussure dedicados à Linguística Geral são aguardados pelos alunos e pelos colegas. O terreno já estava preparado por sinais vários, dos quais esboçamos ampla categorização, no âmbito restrito deste artigo, categorização essa que não transmite a rede de traços, relações e de difusão das informações da época:

- a) as publicações de Saussure em vida;
- b) suas participações em encontros científicos (SLP p. ex.) e no *Colóquio dos orientistas*, de 1894, em Genebra;
- c) os cursos parisienses aos quais se refere Meillet em sua resenha do *CLG* [mais precisamente, consideramos o de gótico, 1185-6, Joseph 2010]; os primeiros cursos em Genebra, novembro 1891, em que estão presentes certos conceitos gerais sobre as línguas e a linguagem, retomados também nos jornais, *Le Genevois* e *Le Journal de Genève* (*CLG/E*, Chidichimo 2010 e Sechehaye 2010), que incrementam a parcela dos testemunhos; os cursos genebrinos 1891-1913;
- d) em um segundo grau, encontramos os traços nos textos de terceiros, p. ex. a noção saussuriana de semiologia utilizada por Adrien Naville (1845-1930) (Naville 1901) cuja paternidade o autor credita a Saussure; ou, ainda, as referências à teoria do signo de Saussure na tese de Henri Odier (1873-1938) (Odier 1905);
- e) existem os traços da correspondência científica; nesse sentido, da difusão de suas ideias e intenções de pesquisa sobre os conceitos gerais e sobre a metodologia de pesquisa, em Paris, graças às trocas com Gaston Paris em 1891 (Décimo 1994) e Meillet em 1894 (Benveniste 1964), como também a carta a Sechehaye em 1893 (Marchese 2007), em que a questão é, sempre, sincronia e diacronia;
- f) o papel dos alunos e do ambiente. Em primeiro lugar, como acabamos de afirmar, Bally e sua passagem por Paris:

<sup>16</sup>[...] Crescia a lenda de que o fato de publicar pouco era a prova de uma concepção tão poderosa sobre a linguagem que caberia a outros percebê-lo. Além de seu próprio perfeccionismo, ele agora corria o risco de não atingir os ideais lendários que lhe impunham." [Trad. de Edgard Bikelis]

Une question avant de terminer. Vous qui êtes un peu dans le secret, ne pourriez-vous me dire si de Saussure publiera bientôt quelques-uns des grandes ouvrages qu'il avait, je crois en préparation. Quand je vois quelle vénération on a pour lui ici, et comme sont accueillis les moindres bribes qui portent son nom, il me semble extrêmement regrettable qu'il se soit pour ainsi dire retiré sous la tente (Juvet à Bally, BGE, Ms.fr. 5002, f.404v.,29 décembre 1905).<sup>17</sup>

Também na Suíça, de onde Bally envia as anotações dos cursos de Saussure ministrados em 1904 a Max Niedermann (1874-1954); e Léopold Gautier (1894-1971) que, em Göttingen, escrevia a Bally: «On est impatient à Göttingen de voir les *Mélanges*. [...] J'étais fier, en tant que Genevois, d'entendre comment des gens compétents s'exprimaient sur le compte de M. de S.» [Estamos ansiosos em Göttingen para ver as *Mélanges*. [...] Sentia-me orgulhoso, como genebrino, de ouvir como pessoas competentes se exprimiam a respeito do Sr. de S.] (BGE Ms.fr.5002, f.140, 19 de julho de 1908). E ainda contatos outros em Genebra como, p. ex., Lucien Gautier (1850-1924), a quem Saussure relatou parte de suas pesquisas (ele escreverá aos editores do *CLG* após a publicação) (BGE Ms. Fr. 5002, f.159-164);

g) as conversas privadas com alunos como Albert Riedlinger (1883-1978) e Léopold Gautier, que estão a par da presença de pesquisas que Saussure jamais publicará;

h) as notas sobre a atividade de Saussure, talvez mesmo as publicações nos jornais, sobre as publicações de divulgação da Universidade.

Esses poucos traços já indicam que a comunidade científica dos linguistas estava pronta para aceitar o *CLG*, a lê-lo, a discuti-lo, a utilizá-lo e a discuti-lo uma vez mais, até o futuro. Era preciso tão somente esperar a ausência do autor.

## 8. A paixão dos arquivos

Apresentei sugestões para pensar o arquivo de outra maneira, para mobilizá-lo em virtude de sua função ligada à pesquisa, consagrada à ação. O arquivo mobilizado para o futuro não se revela pelo lado previsível, pelo horizonte de sentido que esperamos. Em um arquivo, existe o que não esperamos: a ausência, a falta, a imperfeição, a aproximação, o cúmulo sinonímico. O arquivo perfeito, que, aliás, não existe, é um arquivo feito de ausências. É inútil prosseguir com esse ponto e procurar essa ausência perfeita que corresponderia ao silêncio. É preciso, então, considerar a realidade normativa dos arquivos como sendo feita de saturações e de vazios.

## Arquivos consultados

Papiers Charles Bally. Manuscrit français 5002, 5019/12/c, 5146, 5148/4. Bibliothèque de Genève (BGE).

Société Genevoise de Linguistique. Manuscrits français 1999. Bibliothèque de Genève (BGE).

Archives Littéraires Suisses. Fonds Georges Redard. Bibliothèque nationale. Berne.

<sup>17</sup>“Uma questão antes de terminar. O senhor, que está mais informado, poderia me dizer se de Saussure publicará em breve algumas das grandes obras que estavam, acredito, em preparação. Quando vejo a vénération que se tem por ele por aqui, e como são acolhidos os mínimos fragmentos que carregam seu nome, parece-me extremamente lamentável que ele tenha, por assim dizer, se retirado do mundo.”

## Referências

- AUROUX, Sylvain. 1986. "Histoire des sciences et entropie des systèmes scientifiques. Les horizons de rétrospection". *Archives et documents de la SHESL* 7: 1-26.
- AUROUX, Sylvain. 2006. "Les modes d'historicisation". *Histoire Épistémologie Langage* 28.1: 105-116.
- AUROUX, Sylvain & COLOMBAT, Bernard. 1999. "L'horizon de rétrospection des grammairiens de l'Encyclopédie". *Recherches sur Diderot et sur l'Encyclopédie* 27: 111-152.
- BALLY, Charles. 1908. "Maîtres et disciples". *Journal de Genève*, 18 juillet, p. 2.
- BALLY, Charles (éd.) 1908. *Mélanges de linguistique offerts à Ferdinand de Saussure*. Paris: Champion.
- BALLY, Charles. 1909. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck.
- BALLY, Charles. 1913. "Ferdinand de Saussure". *La Semaine littéraire*, 1<sup>er</sup> mars.
- BALLY, Charles, FREI, Henri e SECHEHAYE, Albert. 1940. "Pour l'arbitraire du signe". *Acta Linguistica* II: 165-169.
- BENVENISTE, É. 1964. "Lettres de F. de Saussure à Antoine Meillet (1894-1911)". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 21: 89-130.
- BERGSON, Henri. 1908. "Le souvenir du présent et la fausse reconnaissance" In: *Bergson Henri, L'énergie spirituelle*. Geneva: Albert Skira, p. 105-144.
- BERT, Jean-François. 2014. "Qu'est-ce qu'une archive de chercheur ?" *Open Edition Press*.
- CHIDICHIMO, Alessandro. 2010. "Les premières leçons de Saussure à Genève, 1891: textes, témoins, manuscrits". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 62: 257-276.
- CHIDICHIMO, Alessandro. "Les recueils d'opuscules de Charles Bally [no prelo]".
- CHISS, Jean-Louis, PUECH, Christian. 1994. "F. de Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la Linguistique". *Langage* 114: 41-53.
- CHISS, Jean-Louis & PUECH, Christian. 1997. *Fondations de la linguistique : études d'histoire et d'épistémologie*. 2<sup>a</sup> ed. Duculot: Louvain-la-Neuve.
- COLOMBAT, Bernard, FOURNIER, Jean-Marie & PUECH, Christian. 2010. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck.
- DECIMO, Marc. 1994. "Saussure à Paris (lettres à Gaston Paris et à Paul Boyer, 1888-1908)". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 48: 75-90.
- DERRIDA, Jacques. 1998. "Archive et brouillon". In: Contat, M. e Ferrer, D. (éds.). *Pourquoi la critique génétique ?* Paris: CNRS, p. 189-209.
- DERRIDA, Jacques. 1995. *Mal d'archive: une impression freudienne*. Paris: Galilée.

- ENGLER, Rudolf. 2003. "Polyphonic". In: *Saussure. Cahiers de l'Herne*. Paris: Éditions de l'Herne, p. 16-19.
- FEHR, Johannes. 1997. "Linguistik und semiologie Notizen aus dem Nachlaß. Texte, Briefe und Dokumente Gesammelt, übersetzt und eingeleitet". Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- FREUD, Sigmund. 2004. "Remémoration, répétition et perlaboration". *Libres cahiers pour la psychanalyse* 1. 9: 13-22.
- GODEL, Robert. 1954. (ed.). "Notes inédites de F. de Saussure (par R. Godel)". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 12: 49-61.
- GODEL, Robert. 1957. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Geneva: Droz.
- JOSEPH, John. E. 2010. "Saussure's notes of 1881-1885 on Inner Speech, Linguistic Signs and Language Change". *Historiographia Linguistica* 37. 1/2: 105-132.
- JOSEPH, John. E. 2012. *Saussure*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- LUPO, Luca. 2012. *Filosofia della Serendipity*. Napoli: Guida.
- MARCHESE, Maria Pia. 2007. "Saussure: note di biografia e teoria linguistica in carte inedite del 1893 (Arch.De Saussure 377/8 e 13)". *Cahiers Ferdinand de Saussure* 60: 217-235.
- MEILLET, Antoine. 1916. "C. r. de F. de Saussure, Cours de linguistique générale". *Bulletin de la Société de linguistique de Paris* 20: 32-36.
- NAVILLE, Adrien. 1901. *La classification des sciences*. Paris: Alcan.
- NIETZSCHE, Friedrich. 1874[1976]. *Considérations inactuelles I et II*. Aubier. Paris: Éditions Montaigne.
- NIETZSCHE, Friedrich. 1887 [1971]. *La généalogie de la morale*. Paris: L'Harmattan.
- ODIER, Henri. 1905. *Essai d'analyse psychologique du mécanisme du langage dans la compréhension*. Berne.
- PUECH, Christian. 2006. "Présentation. Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection". *Histoire Épistémologie Langage* 28.1: 9-24.
- PUECH, Christian, RABY, Valérie. 2011. "Formes et enjeux de la rétrospection. (Présentation)". *Histoire Épistémologie Langage* 27. 2: 5-14.
- RICOEUR, Paul. 2000. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Seuil.
- ROTH-LOCHNER, Barbara. 2005. "Les archives littéraires sont-elles des archives comme les autres ?" "Documents" de l'Association pour le patrimoine naturel et culturel du canton de Vaud. 7 outubro, p. 7-12.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1922[1916]. *Cours de linguistique générale*. [CLG]. Lausanne/Paris: Payot.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1967/74. *Cours de linguistique générale*, ed. crítica de R. Engler. [CLG/E]. Wiesbaden: Harrasowitz.

- SAUSSURE, Ferdinand de. 1978. *Cours de linguistique générale*, ed. T. de Mauro. [CLG/D]. Lausana/Paris: Payot
- SECHEHAYE, Albert. C. 1917. “Les problèmes de la langue à la lumière d’une théorie nouvelle”. *Revue philosophique* 84: 1-30.
- SECHEHAYE, Albert. C. 1927. “L’École genevoise de linguistique générale”. *Indogermanische Forschungen* 44.
- SECHEHAYE, Albert. C. 2010. “Cours de phonétique du grec et du latin, 1891-1892, professé par Monsieur Ferdinand de Saussure,” ed. por A. Chidichimo. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 62: 277-285.
- SOFIA, Estanislao. 2013. “Cent ans de philologie saussurienne. Lettres échangées par Albert Sechehaye et Charles Bally en vue de l’édition du Cours de linguistique générale (1916)”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* 66: 181-197.
- SOFIA, Estanislao. 2015. *La «collation Sechehaye» du ‘Cours de linguistique générale’ de Ferdinand de Saussure*. Lovaina: Peeters.
- VIRNO, Paolo. 1999. *Le souvenir du présent Essai sur le temps historique*. Paris: Éditions de l’Éclat.
- YEROUSHALMI, Yosef H. 1988. “Réflexions sur l’oubli”. In: *Usages de l’oubli*. Paris: Éditions du Seuil, p. 8-21.